



O carro de luxo com o preço fixado em reais: hoje, uma cena comum; há poucos meses, uma idéia impensável

Automóveis importados, tabelas de preços em real

No mercado de automóveis, a adesão ao real também foi imediata. E forte. Tão forte que, além dos carros usados, atingiu os importados. No Rio, pelo menos três marcas — Mitsubishi, Honda e Peugeot — deixaram para trás dólares, francos e iênes e adotaram tabelas de preços em real.

— Precisávamos de uma moeda corrente forte para nos proteger do custo de aquisição. Nos carros importados, 70% do preço final se referem aos impostos pagos em moeda nacional. Com o cruzeiro real corroído pela inflação, era o dólar era fundamental como referência. Hoje não — explica o diretor comercial da Daiisen, revendedora Mitsubishi com quatro lojas no Rio, Alexandre Cambraia.

A iniciativa, segundo o executivo,

foi bem aceita pelos clientes e a média mensal de vendas saltou de 50 para 70 carros por mês. A gerente de marketing da Toulouse, autorizada Peugeot, Cristiane Moreira de Souza, que também adotou a tabela em real confirma os bons resultados. Em agosto, a rede vendeu 254 carros — melhor desempenho em um ano de atuação no Brasil — e deve chegar a 300 automóveis em outubro.

Com preços mais modestos que os do mercado de automóveis, o dentista Tadeu Martorano foi outro que optou pela desdolarização.

— Não posso trabalhar com moeda fraca porque faço orçamentos longos que se desvalorizam com o tempo. Usei o dólar, mas estou confiante no real — justifica.

A credibilidade do real, contudo, é diretamente proporcional à capacidade de manter sua cotação acima

da moeda americana. E ela estará ameaçada tão logo haja leve suspeita de enfraquecimento ou de qualquer reação do dólar.

— Se o dólar igualar ou ultrapassar o real, a moeda brasileira deixa de ser referência — prevê o presidente da Bolsa de Gêneros Alimentícios.

O diretor da Embrap confirma:

— Tudo isso pode mudar muito rápido e o dólar pode voltar a ser indexador se o real se desvalorizar.

O diretor de Marketing e Qualidade do Citibank, Rodrigo de Britto, não acredita no enfraquecimento do real, mas prevê a recuperação do dólar nos primeiros meses de 1995.

— O momento é desfavorável para o dólar, mas a situação é transitória. O dólar não perdeu o charme — garantiu.